



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

GRACINDA FANTA JAU

**LENDO *LOLITA* NO ESPAÇO PÚBLICO:
EDUCAÇÃO MORAL E JUSTIÇA POÉTICA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

GRACINDA FANTA JAU

**LENDO *LOLITA* NO ESPAÇO PÚBLICO:
EDUCAÇÃO MORAL E JUSTIÇA POÉTICA**

Projeto de pesquisa apresentado como trabalho de conclusão de curso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como parte de requisitos necessários para obtenção do título de bacharelado interdisciplinar em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Carvalho Lopes.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

GRACINDA FANTA JAU

**LENDO *LOLITA* NO ESPAÇO PÚBLICO:
EDUCAÇÃO MORAL E JUSTIÇA POÉTICA**

Projeto de pesquisa apresentado como trabalho de conclusão de curso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como parte de requisitos necessários para obtenção do título de bacharelado interdisciplinar em Humanidades.

Data de aprovação: 05/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Carvalho Lopes (Orientador)

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Doutor em Teologia pela Faculdade EST (2009)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2018)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA	5
3	HIPÓTESE	5
4	OBJETIVOS	6
4.1	OBJETIVO GERAL	6
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
5	JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL TEÓRICO	6
6	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	14
7	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	16
8	RESULTADOS ESPERADOS	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa desenvolvido no presente projeto, é resultado da minha inserção do projeto de pesquisa intitulado “Richard Rorty e a imaginação literária: educação moral e justiça poética”, sob coordenação do professor Marcos Carvalho Lopes.

O presente trabalho busca analisar e compreender o romance do Vladimir Nabokov, intitulado *Lolita* (2003), que descreve a história de uma menina de 12 anos, chamada Dolores Haze. Pretende-se tecer as narrativas desenvolvidas no texto sobre a personagem da Lolita e de como a literatura pode intervir na educação moral e desenvolver uma justiça poética para debater os impactos que a obra pode causar na sociedade (espaço público e privado).

O projeto tem como objetivo principal, Investigar o uso e valor da literatura nas questões públicas, a partir do romance *Lolita* de Nabokov. Contextualizando desta forma sua abordagem com aquela desenvolvida por Azar Nafizi em seu livro *Lendo Lolita em Teerã* e, o lugar da literatura no processo de educação moral segundo Richard Rorty.

2 PROBLEMA

A partir dos debates suscitados acerca da personagem Lolita por diferentes pesquisadores/as e escritoras/es, verifica-se algumas divergências das opiniões entre eles por assim dizer que gera choque de ideias e de interpretações para o público leitor. Principalmente, a reivindicação por parte das pesquisadoras feministas no que diz respeito à lugar de fala. Portanto, através desta constatação o nosso trabalho vai questionar o seguinte:

À luz da nossa investigação procuramos observar a relação entre literatura, imaginação literária e formação da cidadania democrática. Partimos da interrogação sobre “Como a leitura de *Lolita* pode ser relacionada com a educação moral?”

3 HIPÓTESE

O livro *Lolita* de Nabokov, pode ser lido a partir de diferentes perspectivas, e contesto problematizado posições de identificações daquele que lê.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar o uso e valor da literatura nas questões públicas, a partir do romance *Lolita* de Nabokov.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever e problematizar a classificação feita por Rorty entre os livros que servem para questões privados e livros que servem para questões públicas;
- Investigar e contextualizar a leitura de *Lolita* proposta por Azar Nafisi, no livro *Lendo Lolita em Teerã*;
- Problematizar a relação entre a perspectiva de quem narra e de quem interpreta a partir do livro *Lolita*.

5 JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente, vou explicar a minha aproximação deste tema; num segundo momento fornecer uma descrição sumária da biografia de Nabokov e da narrativa de seu romance *Lolita*; apresentar a interpretação deste romance feita por Richard Rorty; contraposta a proposta de Azar Nafisi (e Rebeca Solnit);

Sou formada em enfermagem Superior pela Universidade Lusófona da Guiné-Bissau (2015). Assim, vindo das áreas da saúde só tive contato com as ciências humanas na Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (*Unilab*). A soma dessa última ao primeiro, contribuiu muito no meu desenvolvimento acadêmico. Vale salientar que, pouco antes da minha inserção na Unilab como discente do BHU, tive contato com algumas literaturas acerca da educação, de autoras e autores como: Martha Nussbaum (2017), Pierre Bourdieu (2015), Paulo Freire (1974). Essas literaturas despertaram o meu interesse sob o tema do nosso trabalho, influenciada com as leituras realizadas em conjunto e individual no grupo de estudos. Foi o primeiro livro de romance que eu li na minha vida, inicialmente foi difícil de entender a linguagem usada no livro. Tive que ler e reler várias vezes para melhor poder compreender. Especificamente, sobre as leituras de obra de Vladimir Nabokov "*Lolita*"

2003, o autor traz uma história que merece destaque no mundo acadêmico.

Quando li o livro, muitos questionamentos me vieram a mente e, provavelmente, o mesmo poderá acontecer com qualquer pessoa, principalmente, se este for uma mulher. Uma das perguntas que sempre me fazia quando lia o texto calmamente e com muita atenção era: por que será que o narrador escreveu sua memória daquele jeito? Por que ele não fez questão de criar uma história e dar a personagem masculina a mesma idade que a feminina?

1 RELEVÂNCIA PESSOAL - Enquanto acadêmica e pesquisadora em formação tenho empenhada a desenvolver temáticas de pesquisa relacionadas as áreas de saúde e humanas. Por conseguinte, a minha inserção no curso de humanidades (BHU), e o meu contato com os textos acima citados serviram de referências para a elaboração do presente trabalho de conclusão do curso. Nesse sentido, o trabalho proporcionaria grandes mudanças na minha perspectiva pessoal e acadêmica, com isso, pude perceber as significativas mudanças no desenrolar da temática através das leituras dos romances e da literatura em geral estavam provocando em mim, positivamente. Seja pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva crítica sobre os textos lidos e assuntos em debates nas aulas e nos grupos de estudos, assim como pelo um desenvolvimento de uma certa capacidade empática que transformam minhas visões sobre certos fenômenos e, me dando desta forma, possibilidades de ser cada vez mais solidária e capaz de me colocar no lugar do próximo.

2 RELEVANCIA SOCIAL - Acreditamos que a proposta de estudo em análise é de grande relevância social por primar essencialmente, pela melhoria nas convivências sociais e pela compreensão da necessidade de construção de sociedades mais emancipadoras, solidárias e inclusivas sem pretensões de hierarquizações, seja ela de gênero ou classes sociais.

3 RELEVANCIA ACADEMICA - Numa universidade como a Unilab, com uma proposta de ensino diferenciado e constituído em sua maioria por uma vasta e diversificada corpo estudantil. Acredita-se que, o presente projeto irá fornecer alguns subsídios (material/referencias) que dizem respeito às futuras pesquisas relacionadas ao tema. Como podemos verificar a história da Lolita é debatida e problematizada por vários pensadores e pesquisadores, de certa forma, acreditamos que o presente trabalho dialogará com essas referências e criar ainda mais referências.

Entretanto, procuramos investigar como a descrição da personagem Lolita a partir da voz masculina desafia o leitor a se identificar com a mulher que é vítima de pedofilia ou com o homem (narrador) e sua sedução obscena. Investigaremos como a recontextualização do romance na leitura e contexto iraniano, por mulheres muçulmanas, possibilitou sua ressignificação.

O livro *Lolita*, é de autoria do romancista russo, naturalizado norte-americano, Vladimir Vladimirovich Nabokov, nascido no dia 22 de abril de 1899 em São Petersburgo, no Império Russo. Passou na Rússia sua infância e juventude, morreu em 2 de julho de 1977 na Suíça.

De uma família rica e liberal, por motivos da instabilidade produzida pela revolução Bolchevique, foram obrigados a abandonar a Rússia. Nabokov estudou em Cambridge na Inglaterra até 1922, onde se licenciou em literatura russa e francesa. Romancista, poeta, professor, tradutor e entomologista, em março de 1922, o pai de Nabokov foi morto a tiros em Berlim, por radicais monarquistas russos. Nabokov decidiu permanecer em Berlim, lugar onde se tornou reconhecido dentro da comunidade emigrante como um poeta e escritor, foi professor de tênis e iniciou suas produções da literária.

Em 1926, após publicar poemas e contos, Vladimir Nabokov publicou em o seu primeiro romance, *Machenka*. Assim como toda sua obra inicial, este romance foi escrito em russo. Nabokov, mas só conseguiu proeminência internacional após começar a escrever prosa em inglês. Essa mudança de idioma se relaciona com sua ida para os Estados Unidos em 1940, quando passou a se dedicar ao ensino de literatura russa, trabalhando em diversas universidades e também no departamento de entomologia de Harvard.

Lolita, sua obra mais famosa e polêmica, foi recusado pelas editoras nos Estados Unidos, por conta de seu conteúdo, considerado obsceno e imoral. A publicação somente foi possível na França em 1955. Mas por que a narrativa de Lolita foi recusada pelos editores norte-americanos? Qual era sua narrativa?

O romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, é uma narrativa passível de interpretações diversas e, dependendo do contexto, o mesmo se torna polêmico e motivo de inquietações. Isto é, na medida em que, trata de um assunto considerado como tabu, que muitas das vezes é silenciado.

Chamado de poeta/criminoso por Azar Nafisi,, o protagonista do romance e narrador de Lolita é Humbert Humbert, (a quem doravante designaremos de H.H), é um homem obcecado/apaixonado por uma menina menor de idade. É a perspectiva do psicopata e pedófilo H.H. que tenta seduzir o leitor para justificar seus crimes em nome da beleza. Ele morreu na prisão vítima de doença em 16 de novembro de 1952, quando aguardava julgamento – por assassinato e estupro de vulnerável – deixando para seu advogado a incumbência dos cuidados para publicação de suas memórias **Lolita, ou A confissão de um viúvo de cor branca**, escrito numa enfermaria psiquiátrica “não tanto para salvar minha pele, mas sim, minha alma” (p.312) .

A vida de H.H. foi marcada por conturbações, tanto pessoais como familiares. Ele nasceu em Paris, em 1910, de uma família branca europeia que, com ironia, descreve como sendo híbrida (seu pai era uma pessoa branca, cidadão suíço, descendente de franceses e austríacos, com uma pitada de Danúbio).

A infância de Humbert não lhe deixou boas lembranças no que concerne a mãe, que morreu quando ele era muito jovem como descreve:

[...] foi uma mulher fotogênica, morreu em insólito acidente (um piquenique, um raio) quanto eu tinha três anos e, exceto por um nicho de ternura em meio as trevas do passado, nada subsiste dela nos vales e grotões da memória sobre quais[...] se pós o sol da minha infância. (NABOKOV, 2003, p.12)

Para um leitor atento, este relato e outros sobre a base familiar do H.H., como a relação do pai com a sua tia Sybil (a quem ele classifica de “de espécie de governanta não remunerada”), o modo como a observava e a descreveu detalhadamente em sua memória, compreendermos que, talvez a obsessão e, “assédio” do mesmo sobre a Lolita pode pensar que em grande parte aos problemas de sua infância e do ambiente em que cresceu. Uma interpretação questionável, já que de modo algum, seja do ponto de vista social ou moral, serve de justificativa para explicar a sua proibida e incompatível paixão por Lolita.

No prefácio do livro *Lolita*, John Ray Jr, doutor em filosofia pela universidade Widworth, Massachusetts, destaca certa ambiguidade sobre a personagem de H. H., classificando-o como uma “pessoa horrível e objeta, notável exemplo de lepra moral, que assume um tom entre feroz e jocoso talvez para esconder o mais profundo sofrimento, mas que não inspira qualquer simpatia” (2003, p. 7). Ainda no tocante a H. H., o prefaciador – que também é personagem de Nabokov – afirma que “com acordes mágicos de seu violino, o mesmo evoca uma ternura, uma compaixão por *Lolita* que faz com que nos sintamos fascinados pelo livro embora abominando seu autor!”. Então estaríamos diante de uma obra que nos seduz e que tem encantos artísticos, mas cujo narrador é moralmente abjeto.

Dolores Haze, apelidada de Lolita por H.H. é uma menina de 12 anos de idade, filha de uma mulher viúva de nome Charlotte Haze. Quando H. H. decidiu se mudar para Estados Unidos ficou hospedado na casa dos Haze. Ele casa-se com Charlotte Haze mas parecia não gostar muito dela: o casamento serve como uma forma de melhor se aproximar de Lolita.

H. H.. criava estratégias para ficar cada vez mais perto e sozinho com a menina. Ficava com a Lolita no quarto, enquanto fingia que estava a ensinando a ler os livros em quadrinhos (banda desenhada), a levava para escola, para passeios no parque ou piscina, assim como,

viajavam durante todo tempo de verão e faz questão de fazer registros descritivos de toda trajetória feita nestes momentos. Contudo, a mãe da Lolita tinha percebido as intenções do marido com a sua filha, com isso, ela resolveu enfrentar e desabafar com o H.H. Como afirma Nabokov “A mamãe Haze, a cadela gorda, a gata velha, a desmancha-prazeres, a... a idiota não está mais aqui para ser enganada por você” (2003, p. 97). Mais adiante, ela chama o marido de “monstro, impostor nojento, abominável e criminoso” (Idem). Para Humbert, as falas da Charlotte seriam simplesmente acusações parciais. Com efeito, mediante o clima conturbado entre o casal, H.H tentou inverter a situação para persuadir sua mulher e justificar o que seria um mal-entendido:

“Você está arruinando minha vida e a sua” disse com voz tranquila. “vamos nos comportar como pessoas civilizadas. Todo isso não passa de uma alucinação sua. Você está maluca, Charlotte. Seu nome e o dela estão a li por mero acaso. Apenas porque estavam disponíveis. Pense bem. Vou lhe trazer um drinque.” (NABOKOV, 2003, p. 97).

Todavia, as suas justificativas não conseguiram êxito porque Charlotte, não deu ouvidos para H.H. que avalia: “*a maluca nem se dignou a responder e eu pousei os copos sobre o aparador, perto do telefone que havia começado a tocar*”. Tudo indica que, depois da discussão Charlotte sairia da casa, logo após o próprio H.H que recebeu a chamada avisando sobre o acidente que mataria sua esposa: “a dona Charlotte acabou de ser atropelada e acho bom o senhor vir depressa para cá” (2003. P.99).

Por conseguinte, quanto tudo aconteceu a Lolita estava numa excursão de cinco dias com um grupo de meninas e não poderia ser contatada, naquela circunstância apareceu ideias paralelas a respeito de avisar sobre o acontecido para *Lolita*. Por uma parte segundo Nabokov (2003), Jean e John estavam aptos para acionar a polícia local (climax) que na verdade localizaria bem e depressão o grupo de excursionistas, por outro lado, como indica o texto, H.H fingi que estava desesperado. No entanto, tinha opinião contrária com os demais citados com isso, ele não queria que a Dolores seja avisada, “não aguentaria ver a menina vagando pela casa, soluçando, agarrando-se a mim, ela era tão sensível, a experiência poderia marcá-la pelo resto da vida, os psiquiatras conhecem bem esses casos” (2003, p. 102). Na divergência de opiniões a ideia de H.H acaba prevalecendo principalmente, por que agora ele se coloca como “pai” e responsável por ela (2003, p.102-103). A partir desta perspectiva, H.H toma como responsabilidade de cuidar da Lolita, “*eu faria todo o possível para que ela se distraísse em algum ambiente bem diferente, que sabe uma viagem ao Novo México à Califórnia – obviamente, desde que ele sobrevivesse aquela dor*”.

No entanto, podemos também encontrar no romance a passagem bem interessante em que H.H descreve Lolita como tendo o seduzido, como tendo uma sexualidade proeminente. Na parte do finais do capítulo 29, temos um dos trechos em que H.H descreve de forma detalhada como *“foi ela quem me seduziu”* (NABOKOV, 2003, p.134). Conforme, Nabokov 2003:

[...], mas minha Lô era do tipo esportivo. Senti seus olhos sobre mim e, quando emitii aquela risadinha que eu tanto amava, soube que o seu olhar também era brincalhão. Rolou para meu lado, seus cabelos mornos e castanho roçando minha clavícula. Fingi, mediocrementemente, que despertava. Ficamos quietos por algum tempo. Acariciei suavemente seus cabelos e nós beijamos ternamente. Seus beijos para meu maravilhado embaraço, tinham certos requintes bastante cômicos de adejo e penetração, o que me fez concluir que ela fora iniciada em tenra idade por alguma pequena lésbica. (p.134).

Em uma das narrações sobre esses registros, de uma forma bastante detalhada Humbert descreve que ela estava sentada um pouco acima de mim e, toda vez que em seu êxtase solitário se sentia compelida a me beijar, a cabeça baixava suavemente num movimento languido e sonolento, quase pesaroso, os joelhos nus capturavam e comprimiam meu pulso para logo depois se afrouxarem, a boca palpitante, crispada pelo azedume de alguma poção misteriosa, aproximava-se de meu rosto com um sorvo sibilante de ar (Nabokov,2003, p.16).

Lolita não é a primeira menina (ninfeta) com quem H.H. se envolve, ele havia namorado com outras crianças na Europa, quando estava na França. Essa repetição é marca de sua compulsão doentia.

O relacionamento amoroso do H.H com a Lolita não teve um final feliz, pelo contrário acabou tragicamente: Lolita fugiu com outro nome; H.H. perseguiu Lolita mas só a reencontrou alguns anos depois já madura, casada, pobre e grávida; desinteressante para sua obsessão, H.H. resolve si vingar, localizando e matando o raptor de Lolita.

De acordo Rorty (2007, p.20), o processo de passar a ver outros seres humanos como ‘um de nós’, e não como ‘eles’ é uma questão de descrição detalhada de como são as pessoas desconhecidas e de descrição de quem somos nós mesmos, para ele essa não é uma tarefa para teoria, mas, para gêneros como a etnografia, a reportagem jornalística, o livro de história em banda desenhada, o documentário dramatizado, em especial o romance. Richard Rorty defende que, “os livros que ajudam a nos tornar menos cruéis podem ser grosseiramente divididos em (1) livros que nos ajudam a ver os outros efeitos das práticas e instituições sociais nos outros, e (2) os que nos ajudam a ver os efeitos de nossas idiosincrasias privadas sobre terceiros”.

(RORTY, 2007, p.235).

Para Rorty, *Lolita* de Nabokov e *1984* de George Orwell se encaixam nessa segunda descrição: quando vemos a maldade que podemos causar a outras pessoas, podemos nos reescrever ou mudar nossa forma de agir.

Rorty, destaca três traços da obra do Nabokov: esteticismo, preocupação com a crueldade e a crença na imortalidade. (RORTY,2007, P.244). As três características para Nabokov são inesperáveis: a busca da beleza leva à imortalidade do artista, que conseguir estimular à curiosidade em relação à maldades que não perceberíamos de outro modo.

Rorty destaca um trecho de *Lolita* “que sintetiza a falta de curiosidade de Humbert sua desatenção para com tudo o que não fosse pertinente a sua própria obsessão e sua consequente impossibilidade de atingir um estado de ser em que a “arte”, tal como definida por Nabokov fosse a norma. (RORTY, 2007.P,270). Este trecho mostra a indiferença de Humbert em relação a tentativa de um barbeiro idoso de Kasbeam de lhe fazer confidências:

Em Kasbeam, um barbeiro muito idoso cortou-me o cabelo de forma medíocre: ficou tagarelando sem parar acerca das façanhas de seu filho, um jogador de beisebol, e a cada consoante bilabial perdigotos aterrissavam em meu pescoço; vez por outra limpava os óculos no pano que me cobria os ombros ou interrompia a tremula ação de sua tesouro para mostrar desbotados recortes de jornal; eu estava tão desatento que, quando ele apontou para uma fotografia em meio as lações descoloridas pelo tempo, fiquei chocado ao perceber que o jovem e bigodudo atleta já havia morrido fazia mais de trinta anos. (Nabokov, 2003. P,216)

Por conseguinte, para Rorty a preocupação do romance *Lolita* está em mostrar as maldades que cometemos ou deixamos de perceber por estamos preocupadas com as nossas obsessões privadas.

A professora Azar Nafisi é uma mulher muçulmana “Iraniana” que se mudou para Inglaterra com 13 anos de idade por motivo de estudo. Formada pela Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos possuiu o seu Doutorado em literatura inglesa. Depois da ditadura ocorrido no seu país com a fundação da Republica Islâmico Em 1979. Ela decidiu-se voltar ao país para dar o seu prol, mas a sua volta não se deu certo com a sua expectativa durante 18 anos vivido em Teerã. Por motivo das opressões entre gêneros opostas. Como professora de literatura na Universidade livre islâmica e na Universa Allameh Tabatai no Irã, e decidiu se criar um grupo de estudo na casa dela somente com algumas meninas destacadas da turma. Neste encontros elas leram diferentes livros dentre eles *Lolita* foi o que teve maior impacto. A experiência de leitura deu origem ao livro *Lendo Lolita em Teerã: Memórias de uma resistência Literária*. O livro foi um best-seller dando a Nafisi fama internacional.

O grupo de leitura de mulheres organizado para ler a obra de Nabokov serviu não só para promover reflexões sobre os temas literários abordado no livro assim como serviu de base para questionar suas condições enquanto mulheres e de como suas vidas e ações dependiam, em grande parte, da autorização ou do consentimento de um homem, que silenciava e limitava sua liberdade. A propósito, Azar Nafisi afirma que

Nossa turma foi nesse contexto, uma tentativa de escapar do foco do censor cego durante algumas horas a cada semana[...] redescobrimos que estávamos vivas, éramos seres humanos; e não importava o quão repressor o Estado se tornara, não importa o quanto intimidadas e amedrontadas estivéssemos, como Lolita tentamos escapar para criar um pequeno espaço de liberdade[...] aproveitamos todas as oportunidades para expor nossa insubordinação: uma pequena mecha de cabelo aparecendo sob os véus insinuando alguma cor na uniformidade de nossa aparência, deixando crescer nossas unhas, nos apaixonando ou ouvindo músicas proibidas. (Nafise, 2009, p.39).

Para Nafisi, o apagamento do ponto de vista de Dolores é o que mais a perturba no romance de Nabokov:

[...] Humbert era um vilão da história porque não tinha curiosidade sobre outras pessoas e suas vidas, nem mesmo sobre a pessoa a quem ele mais amava, Lolita. Humbert, como a maioria dos ditadores, estava apenas interessado em sua própria visão das outras pessoas. Havia criado a Lolita que desejava, e não abria mão daquela imagem. (Nafisi, 2009, p.67)

No grupo de leitura da professora Nafisi, que ela realizava com os seus alunos da Universidade havia certas alunas que se aborda a Lolita de igual modo que o Humbert:

[...] alguns críticos parecem tratar o texto da mesma maneira que Humbert trata Lolita: eles somente veem a se mesmo, e o que eles querem enxergar. os censores, ou alguns dos nossos críticos politizados, não fazem a mesma coisa, editando os livros, e os recriando segundo a sua apropriada imagem? O que o aiatolá Khomeini tentou fazer com nossas vidas, nos transformando, como você disse, em invenções da sua imaginação, ele também fez com a nossa ficção. (Nafisi, 2009, p.68)

A interpretação de Nafisi em relação a *Lolita*, se contrapõe e desloca o foco dado por Rorty nas crueldades provocadas por obsessões privadas, para pensar a institucionalização de práticas de subordinação e silenciamento das mulheres. Nesta perspectiva, a ensaísta Rebecca Solnit, vai na mesma direção que Nafisi. Por exemplo, quando a autora destaca da sua experiência enquanto mulher que adverte e busca expressar as suas próprias opiniões do que é certo ou errado, acaba sempre percebendo que está sendo silenciada especialmente por homens. Como sustenta Solnit, “[...] mas a questão principal é que tenho feito umas experiências interessantes, expressando as minhas opiniões, e ando descobrindo que algumas

peessoas, em especial homens, reagem a partir do princípio de que a minha opinião está errada enquanto a delas está certa, pois acreditam piamente que a opinião delas é um fato, enquanto a minha é uma ilusão” (SOLNIT, 2015, p. 96). Como efeito, inquieta-se de como um romance como a de Lolita pode causar impacto tão grande nos seus leitores? Para tentar responder esta inquietação recorreremos aos escritos da ensaísta Rebecca Solnit, quando a mesma argumenta que,

O argumento usual de que romances são bons porque inculcam empatia tem como pressuposto que a gente se identifica com as personagens, e ninguém é advertido por se identificar com Gilgamesh ou mesmo com Elizabeth Bennett. Só que, quando você se identifica com Lolita, você está deixando claro que é um livro sobre um homem branco estuprando repetidamente uma menina ao longo de vários anos. (Solnit, 2015.p.169)

Desta feita, os argumentos de Solnit, em relação ao silenciamento das mulheres nos lugares de opiniões não é um algo novo, podemos afirma que esta postura se deve ao ideal patriarcado de colocar os homens como superiores em relação as mulheres, sendo assim, a Solnit, atribui a palavra *Mansplaining* para ilustrar o comportamento de certos homens em tentar explicar algo a uma mulher de maneira condescendente, imprecisa ou de forma simplista, a partir desta condição que a autora reivindica o lugar de fala das mulheres que sempre são ocultadas, este fato se verifica em Nabokov que a autora chama de *Homem explicando a Lolita*. Com efeito ela explica a sua identificação com a Lolita.

A única coisa que eu realmente disse foi que, assim como eu tinha me identificado com um personagem tratado com menosprezo em *On the Road — Com o pé na estrada*, eu me identifiquei com Lolita. Li muitos romances de Nabokov tempos atrás, mas um romance concentrado no estupro em série de uma menina mantida como refém, na época em que eu tinha mais ou menos a mesma idade dela, era um pequeno aviso lembrando como o mundo ou, melhor, como os homens que viviam nesse mundo podiam ser hostis.(Solnit, 2015, p.98).

6 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Pesquisa da revisão bibliográfica que segue o procedimento de recontextualização e descrição de acordo com a perspectiva de poética pragmatista de Richard Rorty (1997).

De acordo com António Carlos Gil (2002), “a pesquisa pode ser definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos

problemas que são propostos” (2002, p. 1). Nesse sentido, para dar caminharmento sobre a temática propostada “*Lendo Lolita no espaço público: educação moral e justiça poética*”, utilizaremos no decorrer da nossa investigação o método e a forma de abordagem pesquisa qualitativa; e, quanto aos objetivos usaremos a pesquisa exploratória e por último quanto aos procedimentos adotados na coleta de dados privilegiaremos pesquisa bibliográfica.

No concernente da primeira etapa desta investigação, os procedimentos e técnicas da coleta de dados será privilegiada a pesquisa bibliográfica. Para Gil (2002), parte de uma perspectiva em que são utilizados com base em material já publicado. Nesse sentido, estamos a referir como: livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, tradicionalmente esta modalidade de pesquisa inclui material impresso. Pois bem, acreditamos que esta modalidade se faz necessário para o nosso trabalho, visto que, a nossa problemática parte em analisar o romance do autor Vladimir Nabokov (2003); conseguinte, os escritos de Richard Rorty (2007); Azar Nafisi (2009) entre outros...

Dito isto, quanto ao objetivo destacaremos pesquisa exploratória, que servirá de apoio para analisar, descrever e compreender *o uso e valor da literatura nas questões públicas, a partir do romance Lolita de Nabokov*. Como adverte, Gil (2002), que este objetivo é importante na medida em que, o mesmo permite que o investigador/a se adaptar com maior familiaridade do objeto investigado e, acaba resultando ainda mais fácil na construção das hipóteses.

E no que se refere o método e a forma de abordagem como já ressaltamos antes utilizaremos pesquisa qualitativa. Para Lincoln (1994), afirma que a pesquisa qualitativa norteia múltiplas definições, entretanto, pode-se afirmar que ela é uma atividade situada (intimamente ligada a um contexto), neste caso, insere o pesquisador na realidade que está estudando. Portanto, a nossa investigação partira deste caráter de envolver diretamente com o tema no sentido de desvelar e construir a realidade através de instrumentos ou técnicas de coleta de dados.

7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Cronograma de atividades												
	Indicação dos meses											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Revisão bibliográfica	X	X										
Fichamento da bibliografia		X	X									
Digitação de Artigo				X	X							
Revisão da escrita						X	X					
Apresentação de trabalho no evento acadêmico								X	X			
Última correção de Artigo										X	X	
Defesa e publicação do artigo												X

8 RESULTADOS ESPERADOS

No que tange os resultados esperados, espera-se depois da apresentação do presente projeto de conclusão de curso (TCC), cujo título Lendo Lolita no espaço público: educação moral e justiça poética.

Escrita de um artigo científico;

apresentação do trabalho em eventos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leila FP. **A pesquisa do óbvio na ficção de Vladimir Nabokov**. Estudos Germânicos, 8.1: 10-14.
- ARAGÃO, Carmélia Maria. **POLÍTICAS PÚBLICAS E LITERATURA (ou questões de (re) apresentação)**. Redescrições, 2013, 5.1.
- BUENO, Roberto. **O papel da literatura na reconstrução das subjetividades**. Revista Em tempo, 2011, 10: 9-24.
- DA SILVA, Carolina Aleixo Ribeiro. **A representação da juventude feminina no cinema: uma análise crítica dos filmes " Lolita" e" Educação"**. Rascunho, 2017, 9.16.
- DAZZANI, Maria Virgínia Machado. **Rorty & a Educação**. Autentica, 2013.
- DE SOUZA LIMA, Francinaldo; MORAIS, Hortência de Fátima Azevedo; PINHEIRO-MARIZ, Josilene. **Mulher, sociedade e religião: uma leitura do**
- DEWULF, J. **E se toda a história fosse ficção? reflexões sobre a utilidade da ficção como critério para distinguir literatura e história**. 2014
- DOS SANTOS, José Francisco; CARDOSO, Matêus Ramos. **Sociedade, literatura e contingência**. Questões Transversais, 2017, 4.8.
- NABOKOV, Vladimir. **Lolita, Jorio Dauster**. Rio de Janeiro: Folha de são Paulo, 2003.
- NAFISI, Azar. **Lendo Lolita em Teerã**. Fernando Esteves, Rio de Janeiro: Best Bolso, 2009.
- NAFISI, Azar. **Lendo Lolita em Teerã: Memórias de uma resistência literária**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- NAFISI, Azar. **Lendo Lolita em Teerã: uma memória nos livros**. A Girafa, 2004.
- NOGUEIRA, Maria Adriana; DANTAS, Daiany Ferreira. **Imagem da Mulher Islâmica como o "Outro" Cultural**.
- NUSSBAUM, Marta. **Sem fins Lucrativos: por que a democracia necessita das humanidades?** Trad. Fernando Santos, São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- NUSSBAUM, Martha. **A Republica de Platão: a boa sociedade e a deformação do desejo**. Trad. Ana Carolina da Costa e Fonseca, Luiz Fernando Quintanilha, Lúcia Maria Britto Corrêa e Paulina Terra Nólivos, Porto Alegre: Bestiário, 2004.
- PULINO, Lucia Helena Cavasin Zabotto, et al. **Richard Rorty: da epistemologia a ironia, a trajetória de um liberal**. 1994.
- RISSIN, Ruth. **Lolita, uma personagem atual**. Jornal de psicanálise, 2007, 40.72: 135- 152.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Vera Ribeiro, São Paulo: Martins, 2007.

RORTY, Richard. “Investigação enquanto recontextualização: uma avaliação antidualista da interpretação”. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 137-138.

SANTOS, Rosicler. **Lendo Lolita em Teerã: Uma Memória Nos Livros**. Revista Brasileira de Direito Internacional—RBDI, 2007, 6.6.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos.**; Denise Bottmann. São Paulo :Companhia das Letras, 2017.

TEIXEIRA, Ivan. **Literatura como imaginário: Introdução ao conceito de poética cultural**. Revista Brasileira, 2003, 43-67.

VENCHI, Mariane. **Seduções e traições de gênero no Islã: a rainha de Sabá e o corpo feminino circuncidado**. cadernos pagu, 2008, 30: 161-197.